

CLASSE SOCIAL E CLASSES SOCIAIS:
UMA PROBLEMATIZAÇÃO SOBRE A UTILIZAÇÃO DO CONCEITO PARA ANÁLISE SOCIAL

Por Rui Tavares Maluf

Sumário

Introdução

Membro de uma Classe Social

Classe social, pensamento e visão de mundo

Como verificamos a relação entre comportamento e classe social

Rendimento e condição de classe

Setor da economia: uma categoria importante para a explicação

Ocupação das pessoas na economia: uma categoria de análise indispensável

Conclusão

Referências bibliográficas

Anexos

Apresentação

Tenho por proposta no presente artigo desenvolver uma problematização do conceito de classe(s) social(s) o qual é comumente empregado para diferentes análises nos campos demográfico, econômico, político e social. Procurarei destacar que este termo, embora largamente empregado, acarreta dificuldades que por vezes mais geram obscuridades do que promovem esclarecimentos, embora tenhamos de admitir sua relevância para o debate.

Introdução

Quando alguém menciona a palavra composta classe(s) social(is) (no singular ou no plural) seja em uma explanação, discussão (ou em qualquer outra forma de exposição de ideias), quase intuitivamente vem à mente de quem a ouve a noção de uma *divisão* na sociedade, isto é, a de que um determinado corpo social (um país, por exemplo) apresenta uma *diferença* entre seus membros, ou mesmo uma *desigualdade*¹. Isoladamente, a palavra *classe* pressupõe *afinidade*, algo em comum dos membros que a compõe permitindo, assim, uma compreensão e comparação com as que desta se diferenciam. É o que se chama de **coorte** nas ciências. Já a palavra *social* remete a interpretação de que se está fazendo referência aos membros de uma sociedade (quase inevitavelmente de uma sociedade nacional²) e não de um de seus componentes específicos³ os quais apresentam características equalizadoras, tais como o dos estudantes de determinada escola, dos motoristas de ônibus, operários de uma montadora de automóveis, executivos etc⁴.

O uso da palavra composta *classe social* apresenta o mérito de juntar duas coisas aparentemente não conciliáveis, ou seja, o **todo** e a **parte**. Classe viria a ser a parte, pois se trata de uma divisão, de algo que se diferencia do conjunto no qual se insere em conflito ou harmonia com as demais classes, enquanto social é o todo; a sociedade. Por outro lado, classe social também remete para a ideia de algo mais amplo, complexo, mas que não chega a ser o todo. Tal recurso de certa forma facilita a análise demográfica, econômica, política e social, pois seria praticamente impossível realizar a análise de um todo sem decompô-lo em suas partes, bem como de dispor sobre partes muito pequenas sem inseri-las em algo maior.

¹ - Desigualdade e diferença podem ser termos equivalentes a depender do que se está tratando, mas geralmente seus sentidos são distintos.

² - Pois o termo sociedade remete para a designação de muitas outras formas de associação, tendo em comum, todavia, a noção de que seus membros estão e/ou foram reunidos em algum momento histórico para a consecução de objetivos comuns.

³ - Estes componentes são eventualmente denominados subclasses e/ou frações entre outros adjetivos.

⁴ - Para o grande sociólogo alemão Max Weber, designa-se classe “*todo grupo de pessoas que se encontra em igual situação de classe*” e, por sua vez situação de classe é a “*oportunidade típica de 1) abastecimento de bens; 2) posição de vida externa; e 3) destino pessoal*”. E, finalmente, classe social “*é a totalidade daquelas situações de classe entre as quais uma mudança a) pessoal, b) na sucessão de gerações é facilmente possível e costuma ocorrer tipicamente*”. Vide Capítulo IV Estamentos e Classes do livro Economia e Sociedade. Editora UNB-IMESP. São Paulo.2004.

A divisão, diferenciação, ou desigualdade a que se remete na utilização da expressão classe social pode ser interpretada em determinado grau como inevitável, fruto de sua própria complexidade (especialmente nas sociedades de economias diversificadas e complexas além de grandes populações), ou sempre indesejável independentemente do seu nível (quando, por exemplo, reconhecemos uma alta concentração de renda em uma sociedade). Muitos analistas e militantes políticos e sociais rejeitam a ideia de inevitabilidade. Este é o caso particular dos comunistas para quem a sociedade de classes na sociedade moderna seria típica do capitalismo e, conseqüentemente, da exploração de uma classe dominante (a *burguesia*) sobre outra (a *proletária*). Ou seja, o que determinaria a existência das classes sociais seria a economia, isto é, a economia capitalista e suas “*relações de produção*”, a qual viveria sob uma “*luta de classes*”. Mas tal fator por si só não seria suficiente para a “*inevitável dominação*” de uma classe sobre outra, o que ensejaria a disseminação e assimilação da ideologia burguesa para setores dominados mediante a formação de uma “*falsa consciência*”⁵. À exceção desta explicação do ideário comunista, é certo, porém, que a depender de como se dá a distribuição e relação entre as classes sociais nas sociedades, tal desigualdade também sofrerá fortes objeções de muitas outras abordagens políticas, teóricas, etc. especialmente se a mesma está alicerçada na dimensão econômica, e, particularmente da renda, como mencionado acima⁶.

Em uma visão simplificada e de certa forma utilizada por um largo espectro da sociedade (mesmo de setores especializados em assuntos nos quais a questão das classes aparece indiretamente⁷), as classes sociais (ou classes sociais fundamentais) seriam as seguintes: *pobres*, *classe média*, e, *ricos*. Por sua vez, em uma abordagem da esquerda marxista, a divisão fundamental se daria em *burguesia* e *proletariado*. Para a esquerda comunista, a burguesia se definiria como a proprietária dos meios de produção (indústrias, principalmente) e o proletariado como aquele destituído de tais meios dispondo tão somente da sua força de trabalho a ser vendida em troca das condições básicas de subsistência. A despeito desta divisão pelos estudiosos marxistas e assemelhados, o uso do termo *classe média* também se integrou a parte do vocabulário desta esquerda⁸, tanto mais quanto maior foi o avanço da industrialização em muitos lugares do mundo no decorrer do século XX ampliando a existência de todo um conjunto de pessoas que asseguram sua sobrevivência de forma diferente às duas mencionadas situando-se no meio destas em termos de renda, de possibilidades materiais de vida e de aspirações (muitas vezes não realizadas ou não

⁵ - A despeito de o termo estar ligado à teoria marxista, o próprio Karl Marx jamais o teria empregado segundo publicações especializadas registram. As dúvidas de quem primeiro o utilizou procurando interpretar Marx recaem sobre Friederich Engels, seu companheiro intelectual e de militância, e Giorg Luckacs na sua publicação História e Consciência de Classe.

⁶ - Como um exemplo do que citei em outra nota, Max Weber (sociólogo não marxista) concorda que a economia explica as classes sociais dentro de um sistema econômico como o capitalismo, mas confere uma abordagem situada mais em um plano dimensional. Mesmo assim, ele admite que ao pensar em classes haja uma relação de dominação e subordinação entre as mesmas, embora o faça de maneira diferente de Marx.

⁷ - Imaginemos jornalistas econômicos, pesquisadores de mercado e de opinião pública em geral, etc.

⁸ - Na Seção III de O Capital, de Karl Marx, o autor recorre ao termo para falar do número de integrantes na Inglaterra comentando a obra de outro autor (Laing) no seguintes termos: “Desconta um milhão de aristocratas e um milhão e meio de indigentes, vagabundos, criminosos, prostitutas etc. da população de 18 milhões que existia ao publicar-se sua obra, ficando 4650 000 para a **classe média** (negrito nosso). Nesta inclui pessoas que vivem de pequenos Investimentos funcionários, artistas, professores etc. Para chegar a esses 4.2/3 milhões, considera parte trabalhadora da **classe média** (negrito nosso), além de banqueiros etc, todos os trabalhadores de fábrica melhor remunerados”.

realizáveis). Estas sociedades se tornaram muito complexas para uma abordagem que se reduza a uma relação antagônica⁹.

Mas ainda que a *economia* seja considerada a dimensão mais importante para reconhecer a estratificação da sociedade, não é suficiente para que esta explique todas as variáveis relevantes na diferenciação dos agrupamentos humanos que a integram. Em outras palavras, identificar com clareza indivíduos pertencentes a uma classe social a partir da economia é insuficiente para gerar uma correlação perfeita com variáveis parcialmente econômicas, ou exógenas à economia, tais como: *religiosidade, nível de escolaridade, práticas gerais da vida* (exemplo: gosto por esportes, etc); não será, portanto, uma relação de causa e efeito.

Membro de uma Classe Social

Se a economia é uma dimensão insuficiente para identificar com clareza os indivíduos que pertencem a uma classe social, ou mesmo a própria classe social, não parece menos relevante saber se os indivíduos pertencem apenas a uma classe social (diferentemente de uma mudança ao longo da vida) ou podem estar presentes em mais de uma simultaneamente. Em um primeiro momento a questão pode parecer ilógica. Não seria possível alguém integrar a mais de uma classe social ao mesmo tempo. Porém, se a definição de classe social tiver um horizonte totalizador¹⁰ isso talvez seja possível. Caso a definição esteja limitada a somente uma dimensão, tal como econômica, então seria impossível. O sujeito é pobre e não pode ser ao mesmo tempo classe média e nem rico. Mais claro ainda na definição marxista, o sujeito é da classe social operária ou burguesa; não pode ser mais de uma coisa.

Classe social, pensamento e visão de mundo

Porém, na presente reflexão sobre classe social o elemento que considero mais importante para desenvolvê-la é o de que o pertencimento a uma classe determina sua ideologia¹¹, pressuposto de muitos destes analistas e, consequentemente, determina modo de pensar. Em outras palavras, o indivíduo não poderia (ou não deveria) pensar diferente da classe a qual se enquadra porque esta apresentaria um pensamento homogêneo. É mais ou menos como uma lei nas ciências naturais (exemplo: a lei da gravidade). Como primeiro argumento contrário, afirmo o seguinte: aceitar tal entendimento é equivalente a negar ao ser humano que este dispõe de capacidade reflexiva (uma de suas características únicas a distingui-lo do restante do reino animal) e, entre outras coisas, isto significa um ser com o potencial de autocrítica. Dispor de potencial não significa manifestá-lo e nem reconhecer que

⁹ - Recomendável recordar que o próprio marxismo sempre diferenciou a burguesia em pelo menos duas: uma pequena e outra grande, diferença esta que implicaria em distintas ideologias, visões de mundo e/ou comportamentos. Como também a diferenciou entre uma rentista e produtora, nacional e transnacional.

¹⁰ - Reunindo dimensões tais como a religião, nível de escolaridade, práticas de vida, etc.

¹¹ - Aqui ideologia pode ser compreendida como de um conjunto de princípios norteadores da vida e claramente assumidos, quanto de valores de vida não necessariamente codificados.

tal manifestação se distribua de forma equivalente entre todas as pessoas. Ainda assim, o indivíduo não apenas emite juízo sobre os outros, mas sobre si próprio. Desse modo, ele pode verificar e discordar sobre fatores que incidem sobre seu mundo circundante. Contudo, isso não elimina o fato de que situações muito marcantes de uma dada classe condicionam nosso pensamento uma vez que o mesmo não é fruto somente do uso da razão, mas igualmente, dos valores que desenvolvemos.

Em certos casos é possível afirmar que as pessoas mimetizam comportamentos o que ajuda a entender um pouco do significado do termo “*falsa consciência*” ao qual já me referi. A mimetização é de certa forma um *descomplicador*, um atalho, ou seja, recurso para facilitar a vida a qual se dá em um mundo crescentemente complexo. De certa maneira a classe social seria aquele universo gerador (mais imediato) de certos valores o que, por si só, nem sempre poderia ser entendido como algo ruim. Estes (os valores), por sua vez, se formam largamente pelas emoções lastreadas frequentemente em experiências pregressas, bem assim pela nossa percepção que nem sempre é intelectualizada. Formam-se também pela instrução oficial, pela família, enfim, por mais de um meio de transmissão. Mais do que isso, não é preciso muito raciocínio para concluir que nas extremidades da sociedade, entre os muito pobres (sobretudo nestes casos nos quais os níveis de escolaridades são muito baixos ou inexistentes) e os muito ricos¹², o pensamento e, conseqüentemente, o comportamento, estão deveras condicionados por suas classes. Assim sendo, quando mais pessoas tem acesso a instrução de boa qualidade e estas melhoram suas condições materiais de vida, maior a tendência de que o comportamento se diversifique porque as pessoas deixam de estar premidas por fatores muito imediatos de sua existência. Expressando-me de outra maneira, a melhoria da vida para um maior número de pessoas significaria aumentar a chamada classe média e a mesma seria como um ralo sugando água das bordas.

Se o ato de pertencer a alguma classe significa alguma afinidade que não seja apenas sua condição material (basicamente de renda¹³) talvez fique difícil aceitar a influência de muitos outros fatores além das condições extremas de pobreza e riqueza. E neste caso o elemento comum se dá por um fator objetivo que pode ser mensurado, a saber: a renda mensal auferida pelas pessoas e famílias. Isso não significa identidade e afinidade de valores e, muito menos, de pensamento. As afinidades de grupo podem se apresentar em larga medida por membros de diferentes classes como conflitos podem existir no interior de uma mesma classe. Admito, porém, que preciso demonstrar tais afirmações ao menos em termos conceituais e não me proponho a fazê-lo no espaço em que ora escrevo, conquanto procurarei desenvolver alguns argumentos no tópico seguinte.

Como verificamos a relação entre comportamento e classe social

¹² - Tenha-se presente que há casos de pessoas muito ricas, mas de baixa escolaridade. Não é difícil nos lembrarmos de dois exemplos: 1) quem ganhou milhões na loteria; e 2) esportistas, especialmente jogadores de futebol no Brasil. Em termos estatísticos, tais grupos são praticamente desprezíveis.

¹³ - O nível de escolaridade depende em grande medida do nível de renda de uma pessoa e/ou família. Mesmo quem estuda em escola pública por não dispor de renda suficiente para uma escola particular, dificilmente encontra as mesmas facilidades para obter um alto nível de escolaridade. A afirmação que faço não entra no mérito da qualidade do ensino.

Pesquisas realizadas para o fornecimento de informações básicas¹⁴ e de opinião e/ou de observação podem estabelecer associações entre classe social e comportamento, embora - repito o que escrevi em parágrafo anterior - a definição de filiação a uma classe social precisa estar muito bem estruturada antecipadamente e situando-se bem além do fator renda. E não será muito diferente em relação ao comportamento; especialmente se a pesquisa for somente de opinião, porque haverá várias dúvidas como a seguir: como qualificarmos determinados comportamentos típicos de uma classe social?

Sem nos determos muito na questão acima, parece fácil responder que é tarefa simples identificar o comportamento de uma classe social quando alguém perguntado em *questão aberta*¹⁵ sobre seus hábitos de final de semana responde¹⁶: “*voar em meu jatinho para jantar nos melhores restaurantes do mundo*”, em uma extremidade e, na outra, “*lavar roupa, preparar comida para os filhos, e demais afazeres de minha casa*”. Porém, isso é resultado direto da renda possuída e não necessariamente de classe social. Em uma linha de contra argumentação, poder-se-ia afirmar que tais afirmações se ligam muito mais à cultura do que a renda. Pessoas de alta renda, que tem recursos para dispor de aeronaves particulares não necessariamente vivem desta maneira, e pessoas com baixa renda, desde que não estejam excluídas do mercado de trabalho formal, e, dependendo de sua idade, podem desenvolver outras atividades nos finais de semana que lhes ofereçam bem estar. Mas ainda que se admita a tipicidade de determinados comportamentos nas extremidades das classes sociais, há de se destacar que se tratam, provavelmente, de exceções (umas maiores outras menores em frequência). Acrescente-se que no intervalo entre as extremidades, diversas condições heterogêneas se misturam e podem dar uma equivocada linha de interpretação. Ainda assim, seria possível sublinhar que nas questões preliminares à pesquisa, as de esclarecimento (fornecimento de dados), as questões se estenderiam para muito além da renda e incluiriam propriedades em suas mais diferentes formas e diferentes fins (residência, férias, produção econômica), tempo que as pessoas dispõem das propriedades (quando as possuem), ou mesmo o tempo em que estão à procura de recursos (financiamento) para a obtenção de uma propriedade (residência), etc.

Todavia, as possibilidades destacadas para contornar a primeira limitação podem criar dificuldades, uma vez que as pessoas em geral resistem muito a fornecer determinadas informações que julguem coloca-las em risco de segurança e/ou de constrangimento em relação a seu status social (ainda que seus nomes não sejam identificados, que ela seja somente um código numérico). Ou seja, respostas podem ser omitidas, bem como falseadas. E mesmo que a evolução histórica das pesquisas já tenha forjado mecanismos de controle sobre tais riscos, há de se reconhecer que estão longe de ser infalíveis a depender da complexidade do assunto.

¹⁴ - Tal fornecimento de informações do pesquisado quase invariavelmente é um pré-requisito de uma pesquisa de opinião, ou em algumas de observação (no caso das que o observado consente em ser monitorado pelo fato da pesquisa ter um foco no indivíduo).

¹⁵ - Questão aberta é aquela na qual o questionário deixa o entrevistado à vontade para responder sem que haja respostas pré-definidas na qual precisaria escolher uma opção (incluindo nenhuma e não sei dizer);

¹⁶ - Admitindo-se, primeiramente, que as respostas são honestas. E sobre a honestidade de uma resposta em pesquisa trata-se de outro assunto relevante para tal análise, embora não me deterei neste artigo.

Exemplo corriqueiro e observável ocorre em diferentes lugares do mundo nos quais as principais autoridades são eleitas pelo voto popular. Desde o final do século XIX com a formação de partidos de classe e dentre estes os que buscam representar os trabalhadores (operariado) com um discurso de esquerda revelam com nitidez que vários de seus membros, especialmente dirigentes, e também de seus eleitores, não pertenciam mais à classe social operária.

Ocupação das pessoas na economia: uma categoria de análise indispensável

A identificação da ocupação dos indivíduos na economia, isto é, o cargo que atuam, é um recurso indispensável para a compreensão das classes ainda que isoladamente não seja definitivo. É, no entanto, um indicador forte.

Rendimento e condição de classe

O rendimento das pessoas é seguramente um meio poderoso de enxergarmos parcialmente uma classe social ainda que isoladamente não permita uma afirmação definitiva sobre a mesma. Dentre as dificuldades para se extrair uma conclusão desta informação é de que o questionário colhe a informação da renda do indivíduo e não da família¹⁷, mesmo que o questionário pergunte sobre a renda da família. Levando-se em conta dados de rendimento da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD)¹⁸, oito faixas de rendimento são consideradas mais duas situações especiais (*sem rendimento* e *sem declaração*¹⁹). As oito faixas de rendimento, mais os sem rendimento, não permitem concluir que as pessoas nesta enquadradas formem nove classes sociais. Verificando a distribuição das pessoas com 15 anos ou mais de idade segundo oito faixas de rendimento (em salários mínimos) na *tabela 1* a seguir, é fácil verificar que a população tende a ser crescente nas faixas de salário mínimo²⁰ atingindo valor máximo em um rendimento médio baixo para depois decrescer em direção à faixa mais elevada de 20 salários mínimos. Agrupando as faixas de forma a obter uma informação mais sintética constata-se, por exemplo, que a população até 2 salários mínimos chega a 86 milhões, isto é, 53% do total das pessoas de 15 anos ou mais. Portanto, mais da metade da população brasileira tem baixo rendimento. Mas, a pesquisa procura cruzar muitas variáveis de forma a que tenhamos mais elementos para o enquadramento da população nas classes sociais, tais como dados relativos ao sexo, grau de escolaridade, saúde, situação de domicílio (*urbano, rural, região do País, região metropolitana*), condições de moradia, acesso a bens de consumo, cor/raça/etnia, etc.

Com o acréscimo das demais variáveis, a possibilidade de identificar classes sociais aumenta muito. O problema é que ao aumentarmos as variáveis em quaisquer das dimensões

¹⁷ - As próprias alterações na estrutura das famílias ocorridas nas últimas décadas, bem como a condição de domicílio, tornam a apuração dos dados mais complexa.

¹⁸ - Valho-me aqui dos dados do Volume Brasil 2015 da PNAD que foi à campo no ano de 2013. Vide IBGE. População. PNAD.

¹⁹ - Sem declaração é o mesmo que uma não resposta.

²⁰ - Em nosso entendimento, mais importante do que o tamanho da população vivendo com x números de salário mínimo, é saber a poder de compra do salário mínimo. Porém, tal informação não permite saber.

estudadas aumenta-se significativamente as dificuldades operacionais de uma pesquisa porque raramente uma mesma instituição realiza coletas de dados tão variados.

O rendimento, por exemplo. Mesmo que as pessoas não alterem seus rendimentos em curtos intervalos de tempo e que a possibilidade de auferi-los se ligue ao nível de escolaridade, idade, tempo de experiência profissional, entre outras variáveis, é forçoso admitir que os mesmos apresentem alteração ao longo da vida de uma pessoa²¹. Focando a tabela a seguir sobre o tamanho da população em cada faixa de rendimento, bem como o rendimento médio no interior destas mesmas faixas, há de se questionar se cada uma destas faixas corresponderia a uma classe social, ou algumas destas integrariam uma mesma.

TABELA 01 Distribuição da População do Brasil de 15 anos ou mais de idade, em milhares, segundo as faixas de rendimento médio mensal (2015)		
FAIXA DE RENDIMENTO	POPULAÇÃO (Em 1.000)	RENDIMENTO MÉDIO EM REAIS
Até 1/2 salário mínimo	12.047	199
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	31.671	718
Mais de 1 a 2 salários mínimos	42.692	1.152
Mais de 2 a 3 salários mínimos	15.105	1.923
Mais de 3 a 5 salários mínimos	10.797	2.950
Mais de 5 a 10 salários mínimos	6.956	5.162
Mais de 10 a 20 salários mínimos	2.407	10.479
Mais de 20 salários mínimos	708	24.477
Sem rendimento (*)	37.472	-

²¹ - Uma alternativa para compreender a evolução na situação de um grupo de pessoas é a pesquisa de painel no qual as mesmas, voluntariamente, são monitoradas. Não obstante tal possibilidade, é preciso haver condições especiais raramente disponíveis.

Sem declaração	1.937	-
TOTAL	161.792	1.337
Fonte: PNAD 2015, Brasil. <i>Tabela 4.1. dados adequados pelo autor.</i> <i>*Incluindo as pessoas que recebiam somente benefícios</i>		

Setor da economia: uma categoria importante para a explicação

O setor em que as pessoas e organizações atuam na economia talvez seja a categoria de análise que estará presente em qualquer abordagem que pretenda analisar classe social de forma consistente, valendo-se da vantagem a qual aludi no início do texto. Tem a economia como elemento de referência, mas a esta não se limita. Acompanhemos como se dá o movimento de admissões e demissões na economia com base nos diferentes “setores” que a compõem. Primeiramente, no Brasil o Ministério do Trabalho identifica a atividade econômica estruturada em oito **(8)** setores, a saber: **1)** Extrativa Mineral; - **2)** Indústria de Transformação; - **3)** Serviços Industriais de Utilidade Pública; - **4)** Construção Civil; - **5)** Comércio; - **6)** Serviços; - **7)** Administração Pública; e, - **8)** Agropecuária. Não é pouca coisa e é ainda mais do que isso, porque tal identificação subdivide três (3) destes subsetores em outros devido a sua complexidade. O setor da *Indústria da Transformação* é o mais diverso com **12** subdivisões, seguido pelo de *Serviços* com seis **(6)**.

Finalmente o setor de *Comércio* apresenta duas **(2)** subdivisões. Independentemente de qualquer objeção que se possa fazer a tal caracterização da atividade econômica, o que importa para efeito de minha argumentação é primeiramente reconhecer a diversidade de sociedade materializada na atividade econômica, bem assim admitir que em cada uma destas haja indivíduos que desenvolvem seu labor e mesmo vivem de formas muito parecidas. Exemplificando: na *Indústria Metalúrgica* (uma dos subsetores da *Indústria da Transformação*) encontraremos pessoas dirigindo a organização, pessoas trabalhando com a gestão da organização (administração) e pessoas se ocupando do produto final da mesma e, isso não será diferente no subsetor *Atacadista* do setor de *Comércio*. E nos deparemos com muitas semelhanças em como estas pessoas vivem fora do lugar em que trabalham. Todavia, por maior que sejam as semelhanças entre o trabalho das pessoas nestes mesmos subsetores (como poderiam ser em quaisquer dos outros), e de suas vidas, haverá também diferenças.

Além das observações já apresentadas, é importante ter presente que ao dispormos sobre uma classe social como parte de uma *sociedade nacional*, no caso a *sociedade brasileira*, esta se distribui por um vasto território com mais de 200 milhões de habitantes e também entre os que vivem temporariamente ou definitivamente fora do Brasil, mas mantendo ligações com o País.

O movimento de admissões e desligamentos no mercado de trabalho, segundo os setores da economia (valem-nos aqui do mês de maio de 2017) é uma forma de pensar a relação da economia com as classes sociais em todo o Brasil, e, conjecturar se as classes incidiriam de forma proporcional sobre os mesmos²². Explicando de outra forma: a agricultura abrigaria mais uma determinada classe social do que a indústria da transformação? Focando primeiramente nos dados para todo o Brasil, nada menos do que 1.242.433 indivíduos foram admitidos para trabalhar enquanto 1.208.180 foram desligados, produzindo um saldo positivo de 34.253. Estes números podem ser pequenos ou grandes a depender de como os enxergamos. Serão grandes (ao menos admissões e desligamentos) se não os compararmos a quaisquer outros. Não obstante, comparando-os com o número de *Pessoas de 14 anos ou mais na Força de Trabalho* (informação da PNAD Contínua no trimestre de março, abril e maio de 2017), que era de 103.459.000, nós os consideramos modestos. Exemplo: tomando o movimento do mercado (admissões + desligamentos) o número é de 2.450.613 o qual significa somente **2,36%**.

Ainda que se admita que a maior parte das demissões ocorra por decisão do empregador, o empregado também pede demissão e pode migrar para outro setor da economia em atividade distinta. Reconheço, no entanto, que isso tenderá a ser menos frequente para trabalhos especializados nos quais será mais difícil ao indivíduo conseguir atuar em outro.

Examinando os setores da economia em seguida, observamos que a ordem de grandeza é bem distinta, ao menos considerando as admissões e desligamentos. Em ordem decrescente, os setores de *Serviços, Comércio e Indústria de Transformação* se constituem nos que mais admitem e desligam.

Brasil				
<i>Admissões e Desligamentos no Brasil em Maio de 2017, segundo os Setores da Economia</i>				
SETOR	Admissões	% no total de Admissões	Desligamentos	% das Admissões /Desligamentos
Extrativista Mineral	2.786	0,22	3.296	0,00
Indústria de Transformação	204.331	16,45	202.899	16,79
Serviços Industriais de Utilidade Pública	6.442	0,52	6.829	0,57
Construção Civil	113.475	9,13	117.496	9,73
Comércio	299.269	24,09	310.523	25,70
Serviços	489.984	39,44	487.995	40,39
Administração Pública	5.691	0,46	4.736	0,39
Agricultura	120.455	9,70	74.406	6,16
BRASIL	1.242.433	100	1.208.180	100
Fonte: CAGED, Ministério do Trabalho, dados adaptados pelo autor				

É interessante e sugestivo imaginarmos o modo de trabalho e de vida de todo este contingente humano. Fica a pergunta: será possível encontrar muitos elementos homogêneos

²² - Dentro deste recurso, temos ainda a possibilidade de conhecer as ocupações das pessoas nestes setores as quais normalmente denominamos de cargos ou postos de trabalho. Ao verificarmos o próprio movimento de admissões e demissões relacionados a estas ocupações ganhamos mais densidade analítica.

e heterogêneos para estes (para além das circunstâncias), ou ao menos dois, um para os que foram desligados e outro para os que foram admitidos?

Brasil	
<i>Razão das Admissões sobre Desligamentos no Brasil, maio de 2017</i>	
Extrativista Mineral	0,85
Indústria de Transformação	1,01
Serviços Industriais de Utilidade Pública	0,94
Construção Civil	0,97
Comércio	0,96
Serviços	1,00
Administração Pública	1,20
Agricultura	1,62
BRASIL	1,03

Conclusão

O propósito deste documento foi levantar dois problemas para o emprego do termo classes sociais. O primeiro dos quais se relaciona a própria dificuldade de lançar mão deste conceito para além do campo econômico, e, mesmo neste caso, além da renda e da posse de bens de consumo. O segundo problema, e creio mais complexo, é quando se procura associar classe (enquanto um fenômeno material econômico e social) a comportamento e/ou ideias e valores. Ainda que se possa intuir e levantar como hipótese que uma vez sendo dada determinadas condições objetivas materiais poderemos esperar certos comportamentos (padrões), é um risco cairmos em abordagens preconceituosas, porém revestidas de suposta cientificidade. É evidente que sempre que uma pesquisa de opinião é feita levantando-se informações sobre fatos da vida do entrevistado (idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil, local de moradia) será possível observar diferenças maiores ou menores entre os possuidores de tais atributos e sua manifestação frente às perguntas formuladas. Porém, tal informação pode ser circular. Para explicar melhor a dificuldade, tenha-se presente que comportamento envolverá sempre alguma dinâmica do indivíduo e/ou corpo social ainda que alguém possa estar deitado em uma cama imobilizado a partir do momento em que um observador flagre alguma alteração física em um indivíduo imobilizado que lhe pareça ocorrer por deliberação própria. Mas ressalte-se que observar o comportamento de outro é uma coisa e esperar que o outro nos revele seu comportamento por solicitação nossa (realização de uma entrevista, aplicação de um questionário) é bem diferente. Especialmente em se tratando de um comportamento por acontecer (futuro).

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre – A Opinião Pública não existe. In Thiollent, Michel. Crítica Metodológica. Investigação Social e Enquete Operária. Revista Teoria e História. N.6. Polis. São Paulo. 1981.

MARX, Karl – O Capital. Volume I. *Os Economistas*. Editora Abril. São Paulo, 1983.

MARX, Karl – O Capital. Seção III. Capítulo VII de O Capital. A Produção de Mais Valia Absoluta in The Marxists Internet Archive, acessado em <http://www.dominiopublico.gov.br>

NERI, Marcelo – *A Nova Classe Média*.

POCHMANN, Marcio – *Nova Classe Média?* Boitempo Editorial. São Paulo, 2012.

WEBER, Max – Economia e Sociedade. Volumes I e II. Editora UNB. IMESP. São Paulo. 2004

ANEXOS

ESTADO DE SÃO PAULO Admissões e Demissões MAIO DE 2017				
SETORES	TOTAL ADMIS.	TOTAL DESLIG.	SALDO	VARIAC. EMPR % *
TOTAL	382.450	365.224	17.226	0,14
1.EXTRATIVA MINERAL	194	319	-125	-0,72
2.INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	58.583	58.521	62	0,00
Indústria de produtos minerais não metálicos	2.260	2.733	-473	-0,43
Indústria metalúrgica	4.530	6.002	-1.472	-0,69
Indústria mecânica	4.980	6.765	-1.785	-0,76
Indústria do material elétrico e de comunicações	1.676	2.404	-728	-0,72
Indústria do material de transporte	3.125	2.742	383	0,17

Indústria da madeira e do mobiliário	2.522	2.331	191	0,23
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	2.331	2.860	-529	-0,37
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares, ind. diversas	3.419	2.853	566	0,45
Indústria química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumaria	9.244	7.556	1.688	0,43
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	7.658	6.921	737	0,30
Indústria de calçados	2.176	2.443	-267	-0,56
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	14.662	12.911	1.751	0,35
3.SERV INDUST DE UTIL PÚBLICA	1.696	2.024	-328	-0,31
4.CONSTRUÇÃO CIVIL	27.870	32.350	-4.480	-0,77
5.COMÉRCIO	86.423	87.212	-789	-0,03
Comércio varejista	72.254	73.160	-906	-0,04
Comércio atacadista	14.169	14.052	117	0,02
6.SERVIÇOS	172.000	169.965	2.035	0,04
Instituições de crédito, seguros e capitalização	2.829	2.864	-35	-0,01
Com. e administração de imóveis, valores mobiliários, serv. técnico	68.574	69.660	-1.086	-0,06
Transportes e comunicações	16.651	17.211	-560	-0,09
Serviços de alojamento, alimentação, reparação, manutenção, redação	59.365	59.049	316	0,02
Serviços médicos, odontológicos e veterinários	15.510	13.100	2.410	0,35
Ensino	9.071	8.081	990	0,19
7.ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	2.820	2.316	504	0,19
8.AGROPECUÁRIA	32.864	12.517	20.347	6,00

TABELA			
População Total do Brasil estimada e População de 14 anos ou mais do Brasil estimada, segundo o ano e trimestre móvel (Em milhares)			
2017			
ANO / TRIMESTRE MÓVEL	POPULAÇÃO TOTAL	14 ANOS OU MAIS DE IDADE	% DA POP DE 14 ANOS OU MAIS
2017 – nov-dez-jan	206.231	167.382	81,16
2017 – dez-jan-fev	206.362	167.452	81,14
2017 – jan-fev-mar	206.493	167.535	81,13
2017 – fev-mar-abr	206.623	167.705	81,16
2017 – mar-abr-mai	206.753	167.870	81,19
Fonte: IBGE PNAD –Contínua (mensal)			

TABELA				
<i>População de 14 anos ou mais de idade na força de trabalho, ocupada na semana de referência e percentual da população de 14 anos ou mais no conjunto da população de 14 anos ou mais</i>				
ANO / TRIMESTRE MÓVEL	14 ANOS OU MAIS DE IDADE	14 ANOS OU MAIS NA FORÇA DE TRABALHO	14 ANOS OU MAIS DE IDADE, OCUPADAS NA SEMANA DE REFERÊNCIA	% 14 ANOS OU MAIS OCUPADAS / 14 ANOS OU MAIS NA FORÇA DE TRABALHO
2017 – nov-dez-jan	167.382	102.774	89.854	87,43
2017 – dez-jan-fev	167.452	102.892	89.346	86,83
2017 – jan-fev-mar	167.535	103.123	88.947	86,25
2017 – fev-mar-abr	167.705	103.286	89.238	86,40
2017 – mar-abr-mai	167.870	103.459	89.687	86,69
Fonte: IBGE PNAD –Contínua (mensal)				
Observação: tabela elaborada pelo autor a partir das tabelas 1,2 e 3 da PNAD Contínua				
